

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS NA NA GOMES
Proprietade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Adereço à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Residência: incluindo o Suplemento semanal,
Lisboa, mês 950; Província, 5 meses 2850;
Africa Portuguesa, 6 meses 7000; Estrangeiro,
6 meses 10000.

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia:
CALCADA DO COMBRO, 38 A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Officina de Impressão e Estereotipia:
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras. Não se devolvem os originais. — Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores

SABADO, 22 DE NOVEMBRO DE 1924

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1841

A ÚLTIMA EXPERIÊNCIA

Segundo as informações que temos a hora a que escrevemos, parece que o governo que vai constituir-se será o presidido pelo sr. José Domingues dos Santos, com elementos do bloco das esquerdas parlamentares. Este governo tem uma feição radical, pois não entram elementos dos mais avançados do partido democrático.

Trata-se pois duma experiência que não foi feita ainda na república, a duma experiência de feição radical. Esta experiência será a última. Depois dela e perante o seu insucesso só quem for dotado dum grande dote de credulidade poderá supor que, dentro da república e sobretudo com a acção dos partidos tais como se acha constituídos, se possa realizar alguma coisa que não seja a satisfação de ambições pessoais ou pior as vezes a satisfação de inconfessáveis interesses.

Um radicalismo republicano implica entre outras coisas a transformação da própria república na sua estrutura, a alteração de sua constituição. Ora este governo radical vai governar com a actual constituição e não apresentará nenhum plano para a modificar. Uma tal transformação não se fará senão revolucionariamente. Portanto já de antemão sabemos que o radicalismo do governo será moderadíssimo.

Algumas coisas há que podem interessar-lo, se os ministros forem sinceros no seu proclamado amor pelos interesses da população: a defesa contra a alta finança e o alto comércio, o respeito pelas liberdades públicas já conquistadas, o impulso dado ao parlamento para a aprovação do *habeas corpus*, as mais rigorosas instruções para que a polícia não injuria a regalia constitucional que garante não poder estar-se preso sem pronuncia mais de 8 dias, nem incomunicavel por mais de 48 horas, a mais ampla liberdade de reunião e de associação, completa liberdade de imprensa e tudo enfim quanto vem attender profundamente — como seria radical — a própria república.

O partido democrático está mais uma vez à prova.

Vai tentar uma nova experiência. Será certamente a última. Se ela falhar, o partido democrático não terá outro caminho a seguir que não seja o de se desmembrar, entrando-se depois num período de rotativismo político, imitação da monarquia, ou seja a estagnação da própria república.

Vamos ver pois o que dá este governo, em que o partido democrático joga a sua última cartada.

O desastre do Mar do Norte

Ainda não apareceram os corpos de Sacadura Cabral e José Pinto Correia

A notícia que, procedente dos telegrafistas de Bordéus, ontem publicamos, bem como todos os jornais, de que o cadáver de Sacadura Cabral fora para a praia de Ostende, ainda não foi confirmada.

Tudo leva a crer que a notícia seja falsa, filiada num destes equívocos sempre inevitáveis quando surge a necessidade febril de noticiar em torno de acontecimentos de grande interesse.

No ministério da Marinha foi recebido um telegrama da casa *Fischer* que construiu os aparelhos, esclarecendo que não fora encontrada a fuselagem do avião, mas apenas a parte direita do flutuador, o que leva a crer que o desastre tivesse sido por explosão, indo para o fundo do mar, os dois, o avião e o mecânico, envolvidos nos destroços do aparelho.

No caso dos cadáveres de Sacadura Cabral e José Pinto Correia aparecerem serão decretados funerais nacionais, organizando a marinha de guerra um cortejo fúnebre.

Devem chegar hoje a Lisboa os aviões pilotados pelos tenentes aviadores Rosado e Mota que haviam partido há dias de Amsterdão mas que, por motivo do nevoeiro, tiveram de descer, respectivamente, em Cheburgo e Brest.

O Brasil em estado de sítio

RIO DE JANEIRO, 21. — Foi decretado o estado de sítio em todo o Brasil. — (L.)

O México turbulento

Um governador aprisionado
NEW-YORK, 21. — No distrito de Puebla, onde foi assassinado Mr. Evans, têm-se dado grandes desordens e assassinatos a várias herdades, tendo sido chamado para ali forças para manter a ordem. Os agrários de Puebla, segundo se diz, aprisionaram o «maire» de Cholula e seu irmão. — (L.)

A vida de uma operária na América

Experiência de sete raparigas da «alta sociedade»

Sete raparigas dum colégio do Sul de Filadélfia lembraram-se de fazer um estudo sobre sociologia prática, para, na sua qualidade de raparigas ricas, calcularem as vicissitudes por que passam as menos protegidas da sorte que ganham nas suas ocupações menos do suficiente para poderem viver.

Combinaram para passar, todas, pelo regime austero da «meia-miseria», e resolveram, por seis semanas, sujeitar-se a trabalhar numa fábrica, mediante o habitual ordenado para depois relatarem suas impressões à direcção dum dos ramos da Y. W. C. A.

O trabalho que estas sete raparigas recolheram para as suas «experiências» sociológicas, foi o de uma fábrica de candieiros, trabalho este, pesado, e sujeito algumas vezes a serões... gratuitos, onde a fêria nunca exceder a dólares \$13.50.

Como tinham indubitavelmente que viver com este ordenado, foram morar em hospedarias baratas, longe de todas as tentações do luxo e portanto do prazer.

Todos os dias, antes de se deitarem, escreviam o seu relatório diário, descrevendo sucintamente as suas impressões, sem lhes faltar a menor minuidência, e ao fim das seis semanas de experiência todas foram unânimes em declarar que uma rapariga para se conservar exemplar no seu comportamento, e de mais a mais numa grande cidade, de maneira alguma podia viver com aquele salário.

O relatório das sete raparigas ficou resumido num só, que foi enviado à direcção da Y. W. C. A.

Eis alguns dos seus períodos:

É impossível viver-se numa grande cidade com a fêria semanal que o patronato americano paga às mulheres operárias

«Quando uma rapariga, trabalha, arduamente, todo o dia, e para maior infelicidade sua, tem um rosto simpático e uns longos de ambição, está sempre sujeita ao desejo da distração, e muito mais quando durante oito horas se conservou encerrada entre as lúgubres paredes duma fábrica.

«Ora com um salário de \$13.50, tem que dispor \$8.00 para casa, cama e mesa, numa hospedaria de quarta classe, e restam-lhe \$5.50. Desta quantia, por muito pobremente que vista, e por muito que se resuma, nunca pode gastar menos de \$3.00 em calçado, roupa barata, roupa de fora, e chapéus, fora os azeitados para a fábrica que são comprados à sua custa. Dos dois dólares que lhe restam, tem que pagar a lavandaria, nunca menos de um dólar por semana. Resta-lhe um dólar por semana para carros eléctricos, «moving pictures», e o imprescindível «saquinho de vaidade», companhia diel, inseparável de toda a rapariga que está no desabrochar da existência. E se adoece? Se é necessário o médico e a botica? Mesmo se não sejam necessárias estas duas últimas «calandrias» uma semana sem trabalhar é o bastante para se arrazar dois ou três meses, nos seus pagamentos, caso a hospedaria e a lavandaria fiquem. E se não fiquem? Começa aqui o fatal problema, cuja solução é essa operária aceitar, muitas vezes, na boa fé, uma oferta, um auxílio pecuniário que lhe faça um qualquer rapaz, financeiramente firme, na qualidade de empréstimo, porque a dignidade dessa rapariga ordena-lhe que recuse esmolas.

«E depois, por sonhos lhe falar na dívida, principia a ir-vê-la todos os dias depois do trabalho, a título de simpatia e boa fé?

«Um dia o protector que sempre se conservou num delicadíssimo impéccavel, convidou a ir ao teatro, daí a dias a um passeio de automóvel, passaram a frequentar os parques, os cabarets, e a dívida atrozada da rapariga para com esse cavalheiro, em vez de diminuir aumentou assustadoramente, por que apareceu a gratidão, e logo, mas logo a seguir, o amor.

«E o cavalheiro, profundo conhecedor da arte da sedução, perito em assambarcar a simpatia feminina, coleccionou, a troco de uma dúzia de favores, mais uma vítima, cujo retrato figura no seu album das glórias.

«Pode esta rapariga fugir à tentação? E termina o relatório:

«Numa grande cidade não há rapariga alguma que possa viver desajustadamente com \$13.50.

Ora aqui têm as nossas sr.s. Vêas de Lima uma experiência curiosa a fazer entre nós. Porque não a tentam? Saberiam então essas senhoras o que é a vida das filhas do povo que procuram viver honestamente trabalhando. Também em Portugal a prostituição é a solução inevitável do problema fatal da miséria que se apresenta às pobres raparigas exploradas nas oficinas.

O salário que auferem mal chega para a exclusiva alimentação indispensável. E somos nós, os que lutamos pela sua liberdade integral e pela igualdade de direitos sociais para ambos os sexos, acusados de querermos rebaixar a Mulher!

DESCE A LIBRA e agravam-se as tarifas telefónicas!

A mão do sr. Teixeira Gomes assinou um decreto que o governo lhe entregou alterando as tarifas telefónicas de Lisboa e Porto, a fim de permitir um aumento de 2500 ao pessoal da Companhia. Alterar quer dizer aumentar. Abreitar quando a libra desce, quer dizer simplesmente com todas as letras — escândalo.

Por mais que nos digam, deve andar qualquer Freira metido nisto. O aumento de tarifas... Agora do que não nos convenem é que o aumento seja para arrancar da miséria o pessoal. A Companhia das Telefónicas é uma das mais exploradoras e perseguidoras. Ultimamente, por causa da última greve, expulsou algumas dezenas de operárias. Afinal, está-lhe bem movida com a exploração que exerce que conseguiu um aumento fabuloso de lucros — impingindo que ia aumentar os seus explorados.

O MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL À margem da Conferência da Minoria Sindicalista Revolucionária

Profundamente indignada com o criminoso procedimento dos scionistas, que acabam de fundar a União Federativa dos Sindicatos Autônomos de França, *La Vie Ouvrière* fez, no seu número de 14 do corrente, entre várias considerações cheias de habilidades e de sofismas, umas afirmações que achamos muito úteis tornar aqui conhecidas, a fim de que se veja sobre quem é que se deve lançar agora as responsabilidades do esfacelamento do movimento sindicalista francês. Assim comentando um dos motivos invocados para se criar a União Federativa do Sindicato Autônomo, escreve aquele jornal:

«É exacto que a C. G. T. Unitária rompeu com certas tradições, principalmente com aquelas que consistem em considerar os anarquistas como únicos directores da consciência do sindicalismo e de considerar os velhos métodos de luta e de organização como intangíveis em face das condições novas da luta de classes, que nos são impostas pela evolução do capitalismo e pelos seus métodos de luta.

Como as tradições e os velhos métodos de luta e de organização defendidos pelos anarcho-sindicalistas e pelos sindicatos revolucionários são os princípios da neutralidade do sindicato no terreno político, a fim de poder congregiar indistintamente todos os explorados; e da tática da acção directa e luta de classes, sem a intervenção de governantes ou de políticos aspirantes a governar, de que a adopção das novas fórmulas impostas pelo capitalismo, e que se resumem no seguinte maxíma que: «a emancipação dos trabalhadores não será obra destes, mas do partido comunista tornado senhor do poder político», sucede que a adopção dessas fórmulas, como fomos dizendo, representa a destruição total das bases essenciais do sindicalismo, e portanto é natural que este com tal política — como todos os edifícios a que faltam as bases — se desmorone rudamente, ficando reduzido a um amontoado de destroços.

Por conseguinte, os responsáveis das catástrofes que na França se estão dando, no movimento sindicalista, são unicamente os dirigentes subordinados à política de Moscú, porque, embora, em todos os «edifícios» se possam fazer reparações e inovações várias, o que é facto é que não se lhes podem mexer e retirar os alicerces, sob pena de eles desmoronarem rudemente.

E as novas fórmulas que a C. G. T. Unitária resolveu introduzir no movimento sindicalista foram um terrível golpe, vibrado nos princípios basilares que justificavam a existência deste movimento e por isso é só a ela que cabem todas as responsabilidades dos desentendimentos e das sciões

que se têm dado ultimamente na França, e que se vão manifestando também por toda a parte.

O julgamento dos operários Arias, Quirós e Rivera

Deve ter começado por estes dias em Havana o julgamento dos três operários cubanos Arias, Quirós e Rivera, que se encontram presos há uns dez meses, sob a falsa acusação de envenenadores.

Estes camaradas estavam à frente do Sindicato da Indústria Fabril em Havana. Quando aqui há anos atravessou a ilha de Cuba uma grave crise económica, que originou a fome nos lares dos trabalhadores, a fábrica de cerveja «La Polar» julgou que tinha chegado o momento de romper os convênios feitos com aqueles sindicatos, e submeter os trabalhadores a um horário extenuante e a um salário de fome, mas foi fácil a deit-se, declarando a greve, mas foi fácil à companhia vencer-se então com o auxílio da polícia e dos desempregados. Apesar disso o sindicato não se rendeu, e declarou um *boicote* à cerveja «Polar», no que foi ajudado por algumas organizações de Havana e do interior da ilha.

Durante os anos de 1921 e 1922 o *boicote* foi pouco efectivo, porque a crise económica tinha «desmoralizado bastante» o movimento operário, mas o ano passado a situação melhorou um tanto, e então começou «La Polar» a sentir-se lesada nos seus interesses.

Houve reuniões bastante tempestuosas de acionistas desta companhia, e, em seguida, sem se saber porque motivo deram-se em diversas localidades de Cuba vários casos de envenenamento com cerveja «Polar», tendo morrido em Havana um dos envenenados.

A polícia nesse momento, como se tivesse estado à espera de ocasião oportuna, prendeu imediatamente os dirigentes do Sindicato, acusando os mesmos de autores dos envenenamentos. Nenhum dos três presos trabalhava na fábrica «Polar», nem estavam em contacto com os distribuidores de cerveja, e por isso atribui-se toda esta trama a Zorrilla, gerente da referida fábrica, o qual se tem oposto sempre a qualquer entendimento com o Sindicato.

Mas, embora não haja prova alguma de intervenção de Arias, Quirós e Rivera nestes criminosos casos, o que é facto é que o «fiscal da Audiência» já pediu para eles a pena de morte, a qual só poderá ser evitada, se os trabalhadores de todo o mundo fizer ouvir a tempo os seus gritos de protesto, contra essa bárbara sentença reclamando a libertação de mais essas três vítimas da reacção capitalista.

CONFERÊNCIAS
Contra as ditaduras — por Manuel da Silva Campos

Realizou-se ontem, pelas 21.30, no salão da Federação da Construção Civil, a anunciada conferência de Silva Campos sobre «a ditadura como círculo vicioso de violência e a tendência libertária dos povos», promovida pelo núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa.

Silva Campos começou por designar a ditadura como a faculdade dum pequeno agrupamento governar e oprimir toda uma sociedade, esmagando-lhe todos os direitos, suprimindo-lhe todas as liberdades.

Referiu-se às antigas ditaduras gregas e romanas, narrando os crimes que sob elas foram cometidos. Apreciou as fases ditatoriais da revolução francesa, o guilhotinamento dos girondinos, de madame Roland, Danton e Desmoutins; as aspirações revolucionárias de Babeuf esmagadas pelo Directorio, que acabou por entregar o governo aos reacçãoários.

Depois de analisar as maiores ditaduras da história, afirma que as revoluções não devem ser dominadas mas impelidas num sentido progressivo. A ditadura é a expressão da tirania ao passo que a revolução exprime o desejo de liberdade.

Uma ditadura não salva uma revolução, domina-a. E as revoluções não devem ser dominadas mas libertadas. A tirania foi sempre a obra de ditaduras, ao passo que a liberdade tem de ser obra duma revolução.

A assistência, que era numerosa apoiou as afirmações de Silva Campos, que terminou a sua conferência cerca das 23.30 h.

Consequências da propriedade privada na vida dos trabalhadores

Na sede da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º, e a convite desta, realizou-se, há 21 horas atrás, por intermédio do sr. componente José Carlos de Sousa, uma conferência subordinada ao tema «Consequências da propriedade privada na vida dos trabalhadores», terceira e última da série intitulada «A Propriedade».

A independência dele...

«O comandante Sacadura levou-nos ao Brasil. Agora vai levar-nos mais longe, vai levar-nos até Deus!»

Com estas frases terminava ontem o *Diário de Notícias* um artigo pseudo-literário acerca da morte do aviador Sacadura Cabral. Não queremos entrar em apreciações sobre esse naco de prosa, onde abundavam as reticências e as rezas e onde faltava a sinceridade e o sentimento que pretendia revelar. Apenas pretendemos dar em destaque a característica religiosa daquela obra, que contrasta com o republicanismo velho ainda há poucos dias apregoeado pelo seu redactor principal, sr. Amadeu de Freitas.

A independência destes cavalheiros...

O INCREMENTO DAS ESCOLAS OPERARIAS

PRODIZIU A NECESSIDADE DUM ENTENDIMENTO ENTRE ELAS E DA CRIAÇÃO DUM ORGANISMO QUE UNISSE DE METODO E COESÃO

Como reacção contra o indiferentismo e hostilidade do Estado pela instrução popular, o operariado tem, mercê do seu esforço, aberto, aqui e acolá, isoladamente, algumas escolas que sustentam com grande sacrifício.

A manutenção dessas escolas é uma manifestação espontânea das massas obscuras em prol da instrução, da elevação mental do povo trabalhador. Essas iniciativas merecem o nosso melhor aplauso e acolhimento.

E é com verdadeira alegria que constatamos estes factos importantíssimos, que nos poderes públicos passam despercebidos e que, por vezes, quando deles se apercebem é para suceder por ocasião do funcionamento da escola operária em Ponte do Sôr, que foi arbitrariamente fechada pelas autoridades, com a escola de militantes das Juventudes Sindicalistas, tam perseguida pela polícia, e com a escola sustentada pela Academia Verdi que está ameaçada de encerramento.

Apesar de todas as contrariedades, muitas escolas se mantêm, a expensas do operariado, não só em Lisboa, como na provincia, merecendo até, entre estas últimas, particular referência, a dos trabalhadores rurais de Evora, cujo edificio construído à custa dos trabalhadores há pouco tempo se inaugurou com brilhantismo.

O pensamento louvável de instituir escolas puramente operárias está tomando vulto por toda a parte, significando ardente desejo do povo aborçador o fruto proibido da Sciência e da Arte, que lhe tem sido vedado saborear pela guerra económica feita pelo capitalismo.

A existência de tantas escolas operárias indica, pois, a necessidade de se dar a esse movimento exportâneo a favor da instrução, o método e a coesão que constituem a chave do triunfo.

Por isso achavamos acertada a aproximação dos orientadores das diferentes escolas. Uma grande reunião a que assistissem delegados das diferentes escolas e os professores que mais de perto têm seguido e coadjuvado a instrução o povo trabalhador parece-nos medida a tomar urgente e acertada.

Uma federação de escolas operárias?

Há questões importantes e fundamentais a tratar numa reunião magna onde todas as escolas tenham voto: a necessidade de criar uma federação de escolas operárias; a utilidade de se observar em todos esses estabelecimentos de ensino um método e um programa único; a vantagem duma fusão de várias escolas da qual resultasse a instituição dum modelo estabelecimento escolar, como a Escola Oficina n.º 1, por exemplo; a fundação de escolas semelhantes na provincia; a inauguração de cursos científicos, literários, sociais e artísticos, por conferências, nas sedes associativas, etc.

Aqui levantamos esta questão de grande interesse para o povo trabalhador, certos de que os militantes operários, e os dirigentes das escolas já existentes no país, lhe dispensarão a atenção que merece, não se demorando em entrar em praticas realizações.

Um grande incendio

NEW YORK, 21. — Um grande incendio ameaça destruir por completo a cidade de Plymouth, na Pensylvania. Bairros inteiros são já pasto das chamas.

Um numero de mortos até agora conhecido eleva-se a 100, e registam-se centenas de feridos. (L.)

O atentado contra o Sirdar

Um prémio a quem descobrir os autores

CAIRO, 21. — Diz-se que foram oito os indivíduos que atentaram contra a vida do Sirdar Sir Leo Stack. Os assassinos usaram balas dum-dum uma das quais se alojou sob a espinha do Sirdar. Sir Leo Stack já foi submetido a duas transfusões de sangue. O seu estado é gravíssimo. Os médicos dizem que as últimas vinte e quatro horas serão decisivas.

Um governo egípcio oferece dez mil libras de recompensa a quem descobrir os assassinos. Já foram presos muitos indivíduos como suspeitos. Lord Allenby visitou o rei Fuad. Também o primeiro ministro Zaghlul Pachá conferenciou com o soberano. — R.

Leo Stack morreu

MELHORIA DE VENCIMENTOS aos funcionários públicos alemães

BERLIN, 21. — O conselho de ministros decidiu aumentar os vencimentos dos funcionários públicos em 15 por cento para as classes inferiores, e 10 por cento para as classes superiores. — L.

O COMERCIO CONTRA A BAIXA DA LIBRA

Os comerciantes que são patriotas se manifestaram pela pena do sr. Alves Diniz no *Século* são os que neste momento mais combatem a alta do escudo, de que poderia resultar uma vantagem para o país. Além dos protestos contra o pagamento de impostos, o que não demonstra uma grande fidelidade ao Estado nem um grande espírito patriótico, a outra manifestação de patriotismo é esta: a repulsa pela melhoria da situação financeira do país.

O mais curioso é que estes mesmos comerciantes quando a libra subia, atribuíam a essa subida a alta dos preços, que aliás eram sempre elevados numa proporção muito maior que a da subida da libra. Hipocritamente esses comerciantes condenavam a subida da libra, à sombra da qual iam realizando bons lucros, e atribuíam essa subida aos governos, aos políticos, considerando que só a incompetência da administração é que fazia subir a libra.

Agora dá-se a inversa: os mesmos comerciantes combatem a baixa da libra e atribuem-na ao governo. Consideram que não ha razão para esta baixa, que é, segundo eles, artificial e provocada pelos governantes. E a respeito da baixa dos géneros, não há maneira de a fazerem, tendo baixado apenas percentagens insignificantes em alguns.

Não quer o comércio a alta do escudo, porque lhe convém continuar a especulação que tem feito, lançando sobre os políticos toda a culpa da sua exploração. Felizmente estas situações não podem manter-se durante muito tempo artificialmente. A lei da concorrência há-de impor-se e, quer o queiram quer não, a baixa dos preços tornar-se-há um facto! E todos quantos lhe resistirem, supondo lucrar, serão os que mais hão-de perder, vendo os seus negócios paralisados, enquanto que os seus «stocks», vendendo barato, serão os que ganharão mais.

Papa que olvem os chetos de estado

NEW-YORK, 21. — Os jornais calculam que a eleição presidencial nos Estados Unidos custou mais de trinta milhões de dólares. — (R.)

OS GOVERNOS E A FINANÇA

O sr. Rodrigues Gaspar, presidente do último governo, fez revelações, embora veladas, que confirmam tudo quanto temos dito acerca da situação de favor que gozavam perante os governos as instituições bancárias do país.

Eis o que ele declarou:

«As letras venceram-se em Junho, estando no governo o sr. Alvaro de Castro. E certo que não foram protestadas na ocasião, e só o foram depois de eu ser presidente do ministério.

Não se atribua, porém, ao meu governo a responsabilidade do facto.

Se foram protestadas nessa altura, ao contrário do que tinha sucedido até então, foi porque a Casa Fonseca, Santos e Viana delas retirou a sua responsabilidade, quando o meu governo lhe acabou com os favores e benefícios que lhe eram concedidos pelo governo transacto, entregando-lhe a venda das cambiais de exportação, que o actual governo entregou à Caixa Geral dos Depósitos.

Podia o sr. Rodrigues Gaspar referir-se também ao desfalque de libras do Tesouro Público, e, já que falou na Casa Fonseca, Santos e Viana, informar que o sr. Alberto Xavier é o seu advogado consultor, etc., etc.

INGLATERRA E RUSSIA

Ainda a carta de Zinovieff

LONDRES, 21. — A resposta do gabinete inglês às explicações dadas pelo governo de Moscú, a respeito da célebre carta de Zinovieff, diz em resumo o seguinte:

«Não pode o governo de sua majestade aceitar as explicações dadas, visto elas estarem em flagrante contradição com o que tem sido afirmado pelos órgãos oficiais e por toda a imprensa da União das Repúblicas Socialistas dos Soviéticos.

A nota cita entre outras contradições o facto de Zinovieff fazer através da telefonia sem fios a propaganda bolchevista, na qualidade de presidente da Internacional Comunista, com o consentimento do governo dos soviets, e o representante de Moscú em Londres asseverar que a mesma Internacional, nada tem com o governo russo.

A nota termina, afirmando que o governo britânico possui provas insusceptíveis de que a carta é autenticamente da responsabilidade de Zinovieff. — (L.)

PÁGINAS ALHEIAS

O ATAVISMO DO PEDIR

POR JOÃO BRANCO

O atavismo é a herança de caracteres dos nossos antepassados. É o reaparecimento num indivíduo de qualquer sinal físico ou moral dos seus avós. É o que se dá quando entre os povos chamados civilizados surgem caracteres taratológicos, de primitivos, de selvagens, de verdadeiros animais ferozes. É pelo atavismo que se explicam as taras, todo o regresso psicológico, sentimental e físico dos indivíduos a um tipo, a um ser estúpido...

Mas, desatente o leitor, não vamos embrenhar-nos nessa filosofia que tem aleatoriamente e tem sido tratada por Darwin, Weismann, Dantec e Ribot, nem tampouco nos sentimos habilitados para entrar na discussão travada entre a escola neo-darwiniana e a escola neo-lamarckiana. O nosso ponto de vista é outro: vamos encarar o atavismo sob um aspecto mais simples, mais conhecido, infelizmente, por todos nós.

O atavismo de que vamos tratar é especial: respeita a esse servilismo rasteiro, próprio de cães, de que certas pessoas não podem dispensar e que para outras constitui uma glória, e até uma honra. E assim dizem:

O direito de petição ainda não está abolido.

Quem não pede não ouve deus.

O pedir não fica mal a ninguém.

Essas frases são a síntese, a súplica da sujeição humana, da escravidão individual. Nelas ressaltam, resume tudo o passado servil, toda a abdicação do indivíduo perante a autoridade despótica da força política e religiosa; nelas há toda a dignidade humana espinhada pela tirania; nelas está toda a avilamento, toda a baixaza, toda a incapacidade de carácter.

O direito de petição é a sujeição, é a submissão de animal domesticado ao Estado. É o favor magnanimamente concedido, caritativamente outorgado pelo governo, pelo político do alto do seu trono de injustiças e de intrigas. É o reconhecimento da própria escravidão e da superioridade dos outros; é a confissão inane da impotência.

Em vez de se exigir aquilo a que se tem direito, pede-se humildemente o favor de lhes conceder soberanamente. O direito de petição é a súplica de uma vítima de segurança contra as revoluções. Os indivíduos, em vez de se unirem e solidariarem-se para usarem de um ou de todos os direitos a que têm jus sem se importarem nem esperarem que os outros lhes concedam; os indivíduos em vez de adquirirem pelas suas próprias forças, pela força da sua própria consciência, arrastam-se submissamente ante os impostores das governanças, e rogam, solicitam, imploram a caridade de lhes dar o que é devido a eles um direito. E o Estado, assim, põe a sua política, poupa-se a si próprio e num tour de main de prestidigitador trampoleiro ele intrinseca os simples, os ingénuos que tiveram a impetuosidade de acreditar nos rótulos e reclames dos seus elixires efêmeros. Os ingénuos vão para casa satisfeitos de terem feito o frete de levarem um memorial ao sr. ministro e à espera que lhes caia do céu uma lezínia ou portaria que lhes conceda o direito rogado; o Estado fica a rir-se e a pensar como há de mais uma vez sofismar, como há de mais uma vez ludibriar a canaglia.

Triste demência, a de tais ingénuos!

Ora, os direitos não se pedem, exigem-se, usam-se! Um direito pela sua própria significação corresponde a uma necessidade de que os indivíduos não podem prescindir. São as partes do seu todo, da sua personalidade. Quando qualquer indivíduo não está de posse de todos os seus direitos

é um ser mutilado, incompleto, é uma coisa, mas não é um ser humano.

Pedir é reconhecer que aquilo que se pede pode ser negado. Ora os direitos não podem ser negados a ninguém, porque fazem parte da sua própria pessoa. O direito, por exemplo, de comer, de liberdade, de associação, são direitos que não se devem pedir porque são a própria natureza do indivíduo e que, sem o seu uso, não pode resistir, morre.

Portanto pedir, por exemplo, uma lei que conceda o direito aos indivíduos de se agruparem, de se associarem para a realização de um determinado fim, é reconhecer, é autorizar que o Estado diga não, que proíba aos indivíduos a prática desse direito próprio, profundamente baseado na natureza humana.

Por consequência o celebre direito de petição, tão falado e tão preconizado pelos políticos viciados e arranjistas, é a confissão, o reconhecimento de um dono, de um patrão, de um negro chamado Estado e de toda a sua força.

Ora é a submissão a essa força que a frase religiosa — quem não pede não ouve deus — vem corroborar. A religião, a igreja, sendo a irmã siamesa do despotismo político, sofrendo, por consequência, com todos os males e gosando de todas as alegrias deste, liga-se e conjuga esforços para a manutenção do predomínio autoritário sobre a grande massa dos indivíduos humanos. Assim, pois, em nome do seu deus, ela vem decretar igualmente que o pedir é um bem, que a humildade, a sabedoria da solicitação por amor de deus é tudo o que há de mais lícito, de mais aceitável. O indivíduo assim mantém-se submisso debaixo do jugo daquelhe que lhe dá, do seu caritativo bemfeitor!

Deste modo a religião vem contribuir, por interesse próprio, evidentemente, para a manutenção desse espírito de escravo, de sujeição canina a um dono, a um senhor. A caridade que ela apregoa como uma grande virtude, como a principal característica das almas cristãs, tem por base essa indignidade, essa submissão que se chama o pedir.

Portanto o dizer-se — quem não pede não faz mal a ninguém — é uma profunda ignorância e só a podem defender os orgulhosos matóides que querem ver a seus pés toda a humanidade humilhada ou aqueles que já não possuem ou nunca possuiram a menor parcela da consciência de um dever, de um direito.

Pelo contrário, o pedir faz mal a toda a gente! Cria de um lado o despotismo, a exploração de uma grande parte da humanidade por uma minoria de vaidosos, de orgulhosos que consideram os seres humanos que lhes pedem — uns pobres diabinos — a quem se dignam proteger com a sua influência nos altos poderes do Estado ou com a sua riqueza. Cria um bando de humildes, de seres fracos, sem consciência da própria dignidade, sem carácter, servandidos no habitio de estender a mão, rogando uma esmolinha, quer essa esmolinha seja uma moeda, quer uma lei que lhes conceda um direito que eles já possuem por sua própria natureza.

Assim, pois, o direito de pedir, o pedir, é só próprio de indivíduos possuindo as taras dos escravos seus avós, que tinham a submissão do rafo imundo perante o dono, ou de indivíduos ignorantes que não sabem quais são os seus direitos que não tem consciência da sua própria pessoa e nem dignidade de ser humano, ou, ainda, de velhos dementes, impotentes, de cerebros gastos ou de rapazes castrados e de inteligências pervertidas ou atrofiadas — numa palavra: de incapazes, de mentecaptos!

O reformismo! que demência!

PRESOS E PRISÕES

A polícia tornou-se, como nunca, uma entidade destinada a realizar uma obra de ódio aos trabalhadores. Quem fôr operário nunca pode ter a certeza de, ao regressar a casa, não ser detido e conduzido para os calabouços do governo civil, onde ficará indefinidamente, sem lhe formularem uma acusação nem lhe fazerem um único interrogatório.

Há 28 dias que Joaquim da Graça Bizarro está na esquadra do Caminho Novo. Prenderam-no a quando da ratoceria armada na Boa Hora e proximidades durante os dias em que durou o julgamento de Zeferino da Silva. Ainda não foi interrogado. Ignora de que o acusam. Sabe que está preso há 28 dias. E é tudo. Quando o porão em liberdade? Isso não o sabe ele, não o sabemos nós, nem talvez o saiba a própria P. S. E. Esqueceram-se dele, provavelmente.

José Filipe está preso há 32 dias porque? É difícil, é mesmo impossível averiguar.

Caprichos do sr. Ferreira do Amaral...

Amadeu Carlos das Neves esteve 11 dias incomunicável e recolheu ontem aos calabouços do governo civil. É acusado de um atentado frustrado por equívoco. Quando foi preso verificou-se que não estava armado e que a sua presumível vítima estava viva e goza de uma invejável saúde. Ao certo Amadeu Carlos das Neves é acusado de estar sem uma arma e na disposição de não praticar um atentado — nem mesmo por simulação.

Recolheram aos calabouços do governo civil os presos civis que se encontravam no forte da Trafaria.

Professorado Primário

Vai criar-se em Lisboa um novo organismo

Da União do Professorado Primário recebemos, com o pedido de publicação, o comunicado seguinte:

«Na assembleia geral do Grémio dos Professores Primários Oficiais de Lisboa realizada no dia 21 do corrente estavam apenas presentes trinta e seis sócios dos trezentos de que é composto o referido Grémio, aprovando a moção da Direcção para se desfederar da União do Professorado Primário 20 sócios, sendo cinco dos votantes os proponentes da direcção, e rejeitando a 16.

Estes estão organizando já um novo Grémio federado na União, o qual será constituído por uma grande maioria dos professores primários das escolas de Lisboa, isto é, pela falange consciente que tem a verdadeira noção do associativismo federativo e do espírito de solidariedade de classe.

«A Delegação Executiva da União do Professorado Primário»

DESPORTOS

FUTEBOL

Federação Socialista de Desportos Atléticos

Campeonato Operário — Taça Lisboa

Desafios de amanhã no Campo do Parque: 3.ª categoria — às 9,30; Oriental Atlético Club e União Sportiva e Excursionista. Árbitro Delfino dos Santos; às 11,30 Club Desportivo V. Jornaes e Matadouro Foot-Ball Club, árbitro Manuel Lima; 2.ª categoria — às 13,30, Club Desportivo V. Jornaes e Racing Club Gomes Lopes, árbitro João Marques da Silva; 1.ª categoria, às 15,30 Amoreiras Foot-Ball Club e Oriente Atlético Club, árbitro Artur Peres.

No campo dos Olivais, 2.ª categoria às 12,30, Campo Santa Ana F. Club e Grupo Desportivo Capuchinhos, árbitro Augusto Florencio; às 14,30 Marítimo Foot-Ball Lisboa e Rua Nova Foot-Ball Club, árbitro Emídio Antunes.

O julgamento de Manuel Ramos

No próximo dia 25 realiza-se o julgamento de Manuel Ramos, às 10 h 12 horas, no tribunal da Relação de Coimbra.

Manuel Ramos pede às suas testemunhas que não faltem, podendo tomar o rápido que no dia 24 saí de Lisboa às 10 h 12 horas da manhã. Pede mais aos seus camaradas e amigos de Lisboa e Porto que não vão assistir ao julgamento a fim de se evitar que se propaguem mais os boatos tendenciosos que se têm espalhado nestes últimos dias, e para que o júri daquela cidade possa julgar com consciência e não suggestionado por qualquer temor.

Agremiações várias

Grupo de Solidariedade Op. «Os 21»

Manifesteram-se Calçado — Reine hoje, às 21 horas.

Associação do Registo Civil — Continua hoje, pelas 21 horas, a quermesse de beneficência nesta Associação.

Nova revolução na Rússia?

PARIS, 21. — Os jornais desta manhã dão curso ao boato de que rebentou uma nova revolução na Rússia.

«L'Ere Nouvelle» diz saber que a tripulação dos navios de guerra dos soviets ancorados em Constat, se amotinaram, apriando Trotsky.

Não há, porém, confirmação destas notícias. — (L.)

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 horas (9 da noite) — HOJE

Brilhante e variado espectáculo pela

Explendida Companhia de Circo

Todas as novidades e atrações

Estreia dos «clowns» portugueses irmãos Vitalinas

GERAL 3500 FAUTEUILS desde 800

AMANHÃ: «MATINÉE»

Bilhetes à venda

OS QUE MORREM

MANIFESTAÇÃO FÚNEBRE

Uma comissão de amigos e camaradas do operário canalizador dos hospitais civis, João dos Santos, promove-lhe amanhã uma manifestação fúnebre que sairá da sede da Associação do Pessoal dos Hospitais, travessa de São Bernardino (ao Campo de Santana), para o Alto de São João.

CARTA DO PORTO

Ainda o prolongamento da Rua Sá da Bandeira

Uma negociata da democracia camarária que ensombra o futuro da classe operária metalúrgica

PORTO, 21. — O mistério do prolongamento tortuoso da rua Sá da Bandeira está-se a desvendar. Nele anda envolvido o interesse individual. E como a alma do negócio é o segredo, a coisa já se vinha tramando de longada, mas ocultamente...

Principiou-se a dar pelo caso quando o terreno em ruínas da Estamparia do Bolhão começou a ser vedado por um tapetado de madeira, início de obras de reedificação. Que diabo! Se há muito já se pensava no prolongamento da rua Sá da Bandeira, que caminho levaria então o traçado, visto que de novo se vai edificar o grande estabelecimento da Estamparia do Bolhão?

O proprietário da fundição que está conguia à grangagem da referida Estamparia, pôde, ao cabo das suas pesquisas, saber então que o já celebre prolongamento iria sofrer um desvio, satisfazendo assim todas as empenhadas medidas pelo dono da Estamparia, destruída pelo fogo.

As influências políticas manobram-se: metaram-se na questão o conhecido Nogueira das sedas, proprietário da fábrica da rua da Alegria, e o vereador das obras e também um dos proprietários da União dos Lanifícios, Guerreiro de Sá.

O dono da Estamparia quer prosseguir com o seu negócio antigo e no mesmo local. O grande Nogueira quer fornecer de sedas a casa comercial reedificada. O edilício Guerreiro de Sá, que também é, como se vê, industrial e negociante, pensa também ser fornecedor da histórica Estamparia do Bolhão.

Nada mais fácil do que isto: mandar elaborar um projecto, o n.º 2, que fica a ser conhecido como o projecto transaccão, projecto negócio, projecto venda...

E o mais engraçado é que o dito sr. Guerreiro e Sá declarou que mandara elaborar o tal projecto para, propositadamente, destruir as fundições do Bolhão e de Fradelos...

O seu interesse, o seu empenho é tanto nesta trama, que até «guerreou», a não mais poder ser, uma questão prévia para que a expropriação fosse feita por zonas...

Para que vingasse a sua ambição, o seu negócio escuro, fez questão seu pelouro — acompanhando-o, como já dissemos, os vendedores Júlio Gomes dos Santos, Carlos da Silva, Ramiro Guimarães, etc., o último dos quais é também um grande industrial e presidente daquela celeberrima Comissão Abastecedora de Carnes... camararias, que muito «pingue» tem dado para alguém...

Carlos da Silva, a princípio, combaten o projecto n.º 2: não podia admitir que se

entorçasse a rua, que o prolongamento terminasse por um fim, por um alejão ridículo...

Mas depois, quando ele soube que foi elaborado de propósito para deitar abaixo as duas fundições de Fradelos e Bolhão, mudou de opinião: impunha-se, então, a necessidade de ele ficar só em campo na concorrência do mercado, visto que ele possui em Massarelos, uma barraca anti-higiénica a que pôs o nome de Fundição do Campo do Rôu...

Para que melhor fique à vontade na sua exploração industrial — trabalha-se já na sombra para que a fundição do Bicalho seja também arrasada...

Destarte, o futuro da classe operária metalúrgica desenha-se bem negro, se ela, com a solidariedade do restante operariado, não se opozer às misteriosas negociatas da democracia camarária...

Na fundição do Bolhão, por exemplo, há operários idosos e cansados. Se a fundição chegar a ser destruída, esses operários já mais se empregariam: ficarão para sempre na miséria.

Há alguma vantagem para a cidade na execução do projecto n.º 2?

Não pelo seu lado estético, nem pelo seu lado económico. A pesar do traçado directo que se reclama, atingir o refeitório do quartel dos bombeiros da rua Gonçalo Cristovão, ele pode ser muito mais barato e muito mais perfeito.

Mas a câmara democrática, por razões de apadrinhamento e de interesses particulares a satisfazer, prefere o projecto n.º 2 — feito propositadamente para deitar a terra as referidas fundições, com o que se vão esbanjar milhares de contos em proveito do sr. Nogueira das sedas, do sr. Guerreiro de Sá da União dos Lanifícios, fornecedores da Estamparia do Bolhão, e demais parceiros possivelmente feita na vaca gorda...

Ora não seria mais sério, mais lícito, mais moral que se elaborasse um projecto de prolongamento directo, a fim de se confrontado com o projecto n.º 2, de molde a saber-se o quantum que cada um gasta nas obras — visto que os municípios tem o direito de saber qual a razão porque se prefere entorçar uma rua em vez de a levar a direito, qual a razão porque e como se desbarata tanto dinheiro, podendo ser-se mais económico?

Enfim, esta carrapata está dando que entender — e a classe metalúrgica levantou uma campanha, para a qual conta com o aplauso do operariado em geral.

Esperamos pelo resto das descobertas...

Porto, 21. C. V. S.

Teatros e cinemas

Notícias

É hoje que, no teatro Nacional, sobe à scena em 2.ª recita de assinatura, o novo original de Américo Durão «Ave de Rapina», dividido em 3 actos, onde reaparece num típico papel José Ricardo; a seu lado, tendo papéis de destaque, as artistas Ilda Stichini, Clemente Pinto e Rafael Marques.

A acção da peça decorre no Alentejo e Ribatejo, dando ocasião a colher importantes tipos scenicos.

Nita Ibañez, cantará hoje, no Salão Foz, em português, uma canção intitulada «O espelho e o Sôfá», original de Henrique G. Rubiales, tradução de Pedro Bandeira. Ontem estreou-se a completista espanhola Teresa Rojas e realizou-se a primeira apresentação de um tango argentino, cantado e dançado por Mari Laura, com Juan William.

No próximo dia 4 de dezembro, realiza-se no teatro Gil Vicente a festa artística do actor sociário Artur Cunha, com a peça de grande espectáculo, em 5 actos «O Cabo Simão», que será interpretada pelas actrizes Mercedes Celeste, Maria Ardim, Augusta de Oliveira, Maria José Soares e pelos actores Henrique Peixoto, Aguires Frias, Pereira Saraiva, Artur Cunha, Agripino Oliveira, Alfredo Delgado, João Amaral, Artur Gaspar e Diamantino Pereira.

Reclames

Mademoiselle Pascal, o novo original de Piechaud, em scena no teatro de S. Carlos, além de ser uma peça digna de ser vista por quem goste de verdadeiro teatro, proporciona também ao público ocasião de ver a admirável interpretação da grande artista Lucília Simões, na protagonista. Hoje repete-se.

Mais uma noite de alegria é a de hoje, no Eden Teatro; para que tal suceda, basta saber-se que vai à scena a graciosa e deslumbrantíssima mágica «O Bolo Rei».

A revista «Rês-Vés», em scena no Maria Vitória, onde já conta mais de 300 representações, apresenta agora o seu quadro, passado no parlamento, remodelado e actualizado, com episódios referentes às últimas contendas políticas.

A BATALHA nas províncias

Vala do Carregado

Um polícia amador

VALA DO CARREGADO, 20. — O sr. Silvestre Lavajão dos Santos, laticeiro, abandonou agora as latas para acompanhar três agentes da C. P. numas diligências, parece que para descobrir uns furtos que se deram no caminho de ferro. Esse senhor, que não é polícia, ainda, dirigiu-se a alguns descarregadores dizendo-lhes que talvez tivessem de mandar prender alguns para descobrir alguma coisa. Pelo visto a profissão de polícia é mais lucrativa que a de laticeiro.

Hoje

Requintado espectáculo de arte hoje no

Teatro de São Carlos

com a

Mademoiselle Pascal

Desempenho inigualável

Interessantes scenários

«Toilettes» elegantíssimas

apresentadas por LUCILIA SIMÕES

e Hortense Luz

Original e curiosa encenação

da professora LUCILIA SIMÕES

Brincadeira estúpida

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo seguindo depois para casa, José Mendes, de 19 anos, natural de Pedregal Pequeno, empregado no comércio, residente na rua dos Cavaleiros, 17, o qual quando ali se achava por brincadeira com outros, simulando que se suicidava, encostando um revólver à cabeça, a arma disparou-se e o projectil alojou-se-lhe no ouvido direito, sendo-lhe extraído no Banco, pelo dr. José Paredes.

RHEUMA

Xarope Peitoral

TOSSES

Brônquites

Instituto Pasteur de Lisboa — R. N. Almeida, 10

OS TIROS DE PEÇA DE ONTEM

Ontem pela manhã, cerca de 10,30 horas, ouviram-se na cidade três tiros de peça, o que deixou intrigada muita gente. Trata-se, porém, dum pedido de socorro, da fragata «D. Fernando», para um pontão que estava com água aberta na Cova da Piedade, e que várias embarcações acorreram a salvar.

Boieiro imprevidente

Ontem de manhã, na Póvoa de Santa Iria, João Rodrigues da Costa, de Alhandra, seguia guiando um carro de bois. Tendo deixado os animais à vontade, o carro ao passar por um marco voltou-se, ficando debaixo dele o João Rodrigues. Retiraram-no de sob o carro e conduziram-no a Lisboa, dando entrada, em estado grave, na sala de observações do hospital de São José.

Lêde o Suplemento de «A Batalha»

Os cheques falsos

Foram presos, acusados de fazer parte duma quadrilha, chefiada por Ferreira da Conceição e Alfredo Tavares, José Joaquim Fernandes, Aureliano Serpa e António Barroso, a quem a polícia atribue cumplicidade nos últimos desatros cometidos nos Bancos com cheques falsos.

O CUSTO DA VIDA

Uma sessão da Federação das Cooperativas

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, no Centro Socialista de Lisboa, rua do Benfornoso, 150, uma sessão promovida pela Federação Nacional das Cooperativas, contra os preparativos que as oligarquias plutocráticas estão fazendo para impedir a melhoria do custo da vida e para se apoderarem do poder político.

O NOVO MINISTÉRIO

A política desentranhou-se num ministério formado por José Domingues dos Santos que guardou para si a pasta do Interior e distribuiu a do Comércio a Plínio Silva e a da Guerra ao general Alves Pedrosa. Na Justiça fica o dr. Pedro de Castro; Finanças, dr. Pestana Júnior; Agricultura, Santos Garcia; Estrangeiros, dr. João de Barros; Colónias, Carlos de Vasconcelos; Trabalho, Sampaio e Maia; Instrução, dr. Sousa Junior.

Ontem à noite ainda estava em branco a pasta da Marinha.

Se este ministério falhar, a exemplo dos anteriores, não é decerto por lhe escassearem comprovadas competências.

O funeral do Rei do Crime

Priginou uma fúria de moralizad

NEW-YORK, 21. — O famoso enterrado do «Rei do Crime de Chicago», que foi encerrado numa urna de prata massiva, levantou grandes protestos em todos os Estados Unidos, sobretudo por ter sido seguido por uma inumerável multidão de bandidos e gamus, que a polícia não julgou de seu dever impedir.

Em virtude dos protestos, a polícia tem procedido a várias diligências, efectuando a prisão de 58 indivíduos que pertencem a várias quadrilhas, bem como irradion grande número de polícias, suspeitos de estarem filiados em vários bandos. — (L.)

ARMAZENS REGULADORES

A fim de ser dado cumprimento ao decreto que extinguiu o Commissariado dos Abastecimentos e ainda por haver necessidade de ser regulada a distribuição de alguns géneros, vão ser fechados imediatamente alguns armazens reguladores.

Teatro Apolo — Um to sábado da bela peça — Na próxima semana a peça

HOJE: O Comboio n.º 6 — A Cabana do Pai Tomás

MARCO POSTAL

Hudson—A. F. Santos—Recebemos carta e 30.000. duma que e para a assinatura de A. Rodrigues e I. P. Carvalho, ficando ambos pagos até 10 de março p. t. Os nossos agradecimentos pelos novos assinantes.

Domingos—J. A. C.—Diário pago até 21 de dezembro.

Domingos—J. A. C.—Seguim livros, restando 300 para subscrição de A. Batalha.

Habit—A. F. S.—Recebemos a lib. A assinatura ficou paga até 30 de novembro.

Monsanto—E. A. R.—Recebido 10000.

Agenda de A BATALHA

CALENÁRIO DE NOVEMBRO

T.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Aparece	12	19	26		às 7,26
Desaparece	13	20	27		às 17,19
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	1	8	15	22	Q. C. dia 3 às 22,18
D.	2	9	16	23	L. C. " 31 " 12,31
S.	3	10	17	24	L. N. " 20 " 17,58

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	102,500	102,500
Londres cheque	102,500	102,500
Paris	121,5	121,5
Suica	120,5	120,5
Belgica	120,5	120,5
Italia	120,5	120,5
Holanda	120,5	120,5
New-York	22,500	22,500
Brasil	22,500	22,500
Noruega	22,500	22,500
Suecia	22,500	22,500
Dinamarca	22,500	22,500
Praga	22,500	22,500
Buenos Aires	22,500	22,500
Buenos Aires (1000 coros)	22,500	22,500
Remittidos coros	22,500	22,500
Agio do euro " 10	22,500	22,500
Libras euro " 10	22,500	22,500

ESPECTACULOS

THEATROS

São Carlos—A's 21, 30—Mademoiselle Pascal.

Teat. N.º 21—A's 21—La Goya e F. S. P.

Trindade—A's 21, 30—O Pausado Sino.

Pollennia—A's 21—E. preciso viver.

Trindade—A's 21, 30—Uma coisa que nunca se esquece.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Uma Causa Celebre.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Res-Vés.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Companhia de circo.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Variedades.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Não há espectáculo.

Teat. N.º 21—A's 21, 30—Concertos e diversões.

CINEMAS

Olympia—Chido Terras—Salto Central—Cinema

Condes—Salto Ideal—Salto Lisboa—Sociedade Pro-

motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-

perança—Chanteleer.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Hildebrand" são hoje expedidas ma-
las postais para a Madeira, para e Manaus, e por via
Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperan-
ça, Elisabeth e África Oriental, sendo da caixa
geral as últimas tiragens de correspondência regis-
tradas às 11 horas e das ordinárias às 13, e pelo pa-
quete "Duplex" para Pernambuco, e por via Algeci-
ras e Gibraltar para a ilha de Timor. A última tira-
gem é às 17,30.

IDEAL AMERICANO

15—Rua Arco da Bandeira—LISBOA

DEPÓSITO DE REVENDA DE ARTIGOS ALEMÃES

Máquinas para barba, com 12 lâminas "Rugger",
2500, navilhas "Argus" e 8000, 10000; tesouros
de barbeiro, bacia e costura, "G. Oppel" e "Soling",
10000; máquinas para cabelo, n.º 2, 1, 0, 00, 25000;
lâminas, esmeril, aparos, costuras, molins, lâpis de
côr, 2500; cunhas de cinta permanente "Praticos",
com 3 aparos, 2500; lapizetas "metralhadoras", com
molins, 2500; ditos de celuloide, 2500; idem douradas,
2500; ditos para pufos, 2500; cadernos,
2500.

Pedidos a S. M. SERETO

Amstras pelo correio à cobrança

Faz-se um desconto de 20 0/0 a quem fizer
compras no valor de 25000

Única casa que garante o que vende

Instrumentos

flamórnico vende m-se. — Tratar com a
Associação dos Operários Corticeiros
Silves.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25000—Obturações a 25000—Extra-
ções sem dor a 15000

Dns 11 as 15 no consultório de

MARIO MACHADO

da Escola Dentaria de Paris

Chiado, 74, 1.º—Telef. C. 418

PEDRAS PARA ISQUEIROS

segundo metal AUER, única privilegiada
e acreditada universalmente
or ser a que faz melhor fricção
e que tem maior duração.

DÚZIA 60 CENTAVOS

(custo com as limitações)

a 200 centos e aos melhores, assim com
isqueiros, rodas, tubos, pipos e lampões,
aos melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 30—LISBOA

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando

Narciso—A's 4 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—

4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães

—0 horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e

às 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.

Loff—1 hora e meia.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—

9 horas.

Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Fer-

reira—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli-

veira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—

3 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma

—3 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—0 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4

horas.

Raio X—Dr. José de Pádua—4 horas.

Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

ASSALTO

Insim se pode classificar pela "enchente constante

no Depósito da Enchente, onde o povo procura de-

fender-se, comprando fazendas de la para fatos,

sobretudo, abafos e vestidos de senhora, direc-

tamente da fábrica, por menos 30 a 40 0/0.

Aliares para homens e senhoras onde se po-

dem vestir com elegância, e por preços excep-

cionais, mas só para clientes que façam as suas

compras no Depósito da Enchente.

Peles baratas.

As para mulheres, 5000 e 7500 cada quilo.

Chegam a primeira remessa de impermeáveis,

vende cada uma por 15000 escudos! Telefone 11

4663.

ROSSIO, 93, 1.º ANDAR.

POLICLINICA POPULAR

Rua Morais Soares, 114 (ao Alto do Pina)

Dirigida pelos drs.:

C. J. L. Lado da Silva—Clínica médica, coração

e pulmões—A's 11 h. 12 h.

Celestino Henriques—Cirurgia, operações—A's

12 h. 12 h.

Carlo S. de Oliveira—Doenças dos olhos—

A's 9 h.

Domingos Pereira—Doenças da boca e dentes

—A's 9 h.

Edmundo Nunes—Doenças da nutrição, clínica

geral—A's 9 h.

Suas de Matos—Doenças das crianças—A's

15 h.

Bomfim Coelho—Garganta, nariz e ouvidos—

A's 10 h.

Isabel Pereira—Doenças das senhoras—A's

17 h. 12 h.

João Guerreiro—Clínica geral, Estomago, intes-

tinuos e fígado—A's 12 h.

Mafios Pereira—Rins e vias urinárias—A's 15 h.

Oliveira João—Pele e sifilis—A's 11 h.

Rita Salgueiro—Raios X—A's 15 h.

João de Oliveira—Análises clínicas. Vacinas—

A's 13 h.

Dirigidos por Francisco Pereira Lata

1.º a casa que fornece em melhores con-

dições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

condições.

Sais DERMOXA

O melhor contra todas

as dores e males

dos pés.

do pés.

do pés.

do pés.

do pés.

A BATALHA

Obrigam-nos a lutar? Está bem, lutemos; mas lutemos corajosamente para que os nossos filhos possam gozar mais regalias do que aquelas que nós gozamos. — F. PEINE.

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

O primeiro passo para lhe ser diminuída a sub-venção já se encontra dado. Como será recebido pelo Funcionalismo

Oemasiada e árdua tem sido a luta sustentada por uma grande parte do funcionalismo público e da criatura que, com uma vertiginosidade que apavora, se tem re-velado nas cadeiras do poder, luta que vi-za a conquista ingrata e illusória de mais alguns escudos, por vezes tem arrastado aqueles aos últimos extremos.

Tudo, absolutamente tudo se tem con-gregado para que da febre criminosa de enriquecer fosse o funcionalismo a maior vítima; pois que, enquanto o comércio e seus aliados, lhe estorquiam com o au-mento sucessivo de preço dos gêneros, as migalhas que no seu emprego auferia, o Estado e o Parlamento, ou fechavam os olhos aos seus queixumes e despresvelmente o tratava, ou então para que ele se estivesse a maneira de rolar, atiravam-lhe com um negro e esburcado ódio, ódio que a sua insatisfeita e insaciável ambição já tinha descarnado.

Nunca da referida luta o funcionalismo saiu vitorioso, pois que embora e não poucas vezes, com a consequente satisfação de parte do que, cheio de justiça, reclama-va, a sua derrota foi sempre certa; momen-tos houve, que, mercê da sua tenacidade e profícua persistência, logrou impor a ter-mosidade e descabidas desculpas dos governos e a razão da sua causa, mas o fim principal ou seja ver-se livre da miséria em que mer-gulhava, nunca pôde obtê-lo. Por vezes os vencimentos lhe foram aumentados, mas nunca de maneira a acompanhar ao de leve só que fosse o ritmo desordenado da carestia da vida.

A situação do funcionalismo era a pior de todas as classes, uma vez que as res-tantes baseadas na sua força e apoiadas na sua união impunham ao patronato a satisfação imediata das suas reclamações, se não em harmonia com as suas necessidades, pelo menos de acordo com as suas precisões; e o funcionalismo quando obtinha um au-mento, era já em condições de com ele não poder fazer face ao aumento que os gêneros tinham sofrido.

Sempre viveu alimentado pelas esperan-ças de melhores dias, dias que viriam com a baixa do câmbio e agora que o câmbio começou a baixar, que nota o funcionalismo? E que o governo do sr. Gaspar, num gesto patriótico e quem sabe de acordo com a patrão, resolveu para dar o exemplo di-minuir o ordenado dos ministros em tre-ze por cento e os seus assessores em cinco por cento e mais bela se por detrás de tudo isso não surgisse a intenção de estender idên-tica medida a todos os vencimentos. Mas não, eis surge como um espectro e com ela surge a sombra da fome e da miséria, pois que se por um lado diminuírem os gêneros e por outro os vencimentos, nada absolutamente o funcionalismo terá lucrado com a baixa cambial.

Pessoas haverá que creiam termos a pre-tenção de ganhar com a libra a 4550 o que ganhamos com a libra a 13500, mas loucas pessoas essas que não vêem, não reparam que o que apenas pretendemos é, além duma compensação, o direito de não regressarmos ao tempo da sardinha assada e de blusa de ganga, não que a guerra veio criar novas exigências e à maioria delas não pode o funcionalismo eximir-se. A atitude do go-vérno do sr. Rodrigues Gaspar diminuindo a si próprio, é simpática e até mesmo lou-vável mas, não nos esqueçamos que quasi todos os indivíduos que ocupam as cadei-ras ministeriais tem, além de outros em-plegos, parte em rendosas companhias e sindicatos.

Não se pretenda que o funcionalismo continue na luta de há muito encetada, se se pretende conseguir dinheiro para lançar na voragem de Angola, ou nos expedientes do Norton vá-se onde se deve ir, e reduza-se onde se deve reduzir, olhe-se para o enorme exército de oficiais que o país sustenta sem interesse absolutamente nenhum, para os quartéis de guarda republicana e ainda para muitos e diversos pontos em que se deve reduzir e cortar. A ideia de tirar tre-ze por cento a cada ministro seria mais interessante se fosse acompanhada pelo en-tão ministro das finanças dr. Daniel Ro-drigues, pela sua insensação a favor do es-tado, de 49 mil. escudos que precisamente nessa ocasião como cooperação de lu-cros recebeu da Caixa Geral de Depósitos, fôrta vinte e um mil que ali auferir de orde-nado, pela isenção por parte dos restan-tes membros da direcção da Caixa dos 40 e dois mil que também lhes coube, de contra-rio, acreditamos que tudo aquilo, além de ser proela lançada nos olhos do Zé, foi um auxílio valioso e certo, e a fa-mosa União Económica, que é como quei-diz a confederação patronal, que a todo custo e apesar de ainda não ter feito como devia a redução de preços de gêneros, im-põe à outrange a redução de salários.

O estatuto o funcionalismo disposto a sofrer, o abatimento que não pode suportar nos seus vencimentos? A ver vamos.

PAULO EMILIO.

Os vidreiros de Marinha Grande e a Fábrica Nacional

E' forçoso que algo se diga em situações especialíssimas, como esta em que se encon-tra o operariado vidreiro de Marinha Grande.

Como não há razões que expliquem a maneira desumana por que é tratado tal aglomerado operário, crimes que tem oportu-nidade algumas linhas sobre o assunto. Sendo este povo doado dum pressigioso censurável achamos, tempo de o mesmo en-tremar as questões com a devida cons-ciência que caracteriza as massas operárias organizadas, e da mesma forma gentes do seu papel e respectiva missão.

Não venho e isto é bom notar-se—agitar o mesmo e levá-lo a um movimento, cuja intensiva viria, com poderias vir a ter consequências de carácter grave.

O que, desejava é que ele buscasse para as suas exteriorizações formas mais posi-tivas, desprezando as velhas escolas; concei-rando uma acção que muitas vezes tem re-sultados contraproducentes.

As razões fortes desta minha concepção são as lições dos factos na acção da orga-nização operária marinhense.

O facto é que ainda recentemente tive-mos um exemplo frisante, coisa nunca vista e absolutamente inédita no campo de luta

de classes. Fomos enganados porque acre-ditamos piamente na boa vontade dos nos-sos inimigos, quando é certo que eles só aproveitam a nossa impreparação para vi-verem e ganharem terreno.

Foi parte do operariado lançado ao in-labor em condições excepcionais, razão por-que ele da mesma forma deve e tem de agir.

O agir é dar uma nota da sua vitalidade, fazendo somente conta com a sua força, que é a final a força da maioria. Pensa-se em reclamar do governo verba para fazer funcionar a fábrica Nacional, a qual pode, funcionando, atenuar a crise vidreira, que de latices arreganhadas espelha todos os lares proletários. Mas a fazer-lo, deve encaixar as demarches com o devido critério e ponderação e seguir as vias competentes, desprezando os meios termos e trilhando que têm sido adoptados em outras ques-tões.

O governo pode, se quiser, atender o operariado vidreiro, isto é axiomatico, visto que os vidreiros estão em condições de poderem dividir o trabalho, desde que o governo atenda os operários e lhes conceda o suficiente para pôr a laborar a fábrica, uma das mais importantes do país.

E' que o operariado não pode esperar que o industrial lhe suavisar este doloroso sofrimento se não lutar, mas lutar com ca-beça e coração.

Tem pois, como atrás digo, que encaixar a situação como é mister, desprezando velhos dogmas, fazendo esquecer antigas questões e lembrando-se simples e unicamen-te que tem que salvar-se a si próprio, salvando os outros dum estiolamento pela fome.

Não pode esperar pelo melhoramento do cambio, pois dia a dia é necessário alimen-tar o físico, o que não pode fazer-se a con-tinuar, como vai.

Não parou o industrial por razões de or-dem económica, mas sim para atender as determinações dos seus confrades, e desta maneira, o operariado vidreiro não pode, como até aqui, esperar que lhe seja suavi-zada a situação, reabrindo novamente aque-las fábricas que inatendíveis, encerraram os seus portões.

Deve agir energeticamente protestando con-tra tal estado de cousas, de forma a fazer vincular o seu protesto, contra as insidias da horda enquadilhada do industrialismo ladravão.

E' na próxima sessão magna deve estudar um maior entendimento e uma maior acção de forma a que reclamações desta natureza sejam atendidas no que muito tem a lu-car todos os sem-trabalho, e num sentido mais lato toda a organização operária de Marinha Grande que tende a desabrochar num campo mais moderno, se os seus orien-tadores se não deixarem embur por ro-tineismo que quasi sempre faz fenece as boas intenções e objectivos e que amortee a acção da luta de classes.

JOAQUIM ALVES DE FREITAS

COSTUREIRA

Faz, volta fatos, sobreludos, etc. Perfei-ção. Preços de camarada.

Rua 4 de Infanteria, 17, cave.

PROPAGANDA SINDICAL

Nos Rurais de Cabeção

CABEÇÃO, 15.—Na Associação dos Tra-balhadores Rurais desta localidade realizou-se uma importante sessão de Propaganda Sindical.

O presidente, expõe aos camaradas pre-sentes o que é a taberna, o pior cancro da sociedade atual e faz ciente aos presentes que devem ser mais assíduos em assistir a todas as sessões que a comissão deste sin-dicato resolve efectuar.

Acrescenta que é um dever moral auxi-liar a viúva e orfãos de André Calcinhas, de Cabeção de Vide, lembrando a falta que fez tam prestimoso camarada aqueles entes, rebentos do fruto de seu amor.

Alfredo Angelino, condenando o antro de perdica, a taberna, referindo-se tam-bém à igreja diz que é um local de embur-tecimento e que contribui muito para atra-zar o progresso da humanidade. Ataca as "forças vivas" e a sociedade burguesa, di-zendo que está sempre disposta para per-seguir honrados trabalhadores.

Pedro Alexandre, abordando a baixa cam-bial, e referindo-se a crise de trabalho pro-parada pelos detentores do Capital acon-selha a assistência a agir, concorrendo às sessões e comunicas na praça publica e re-clamando melhor bem estar a que como se-rem viventes têm direito.

O direito à vida, deve ser respeitado, não nos humilhando perante o que nos causam as escassas dos gêneros e a miséria nos "nossos lares", terminando por acon-selhar as camaradas para assistirem a todas as sessões, para assim saberem as resolu-ções a tomar.

João Brás, condenando a se a si próprio pelas falhas que tem cometido refere-se aos deveres sindicais. Criticando a última vi-sita do arcebispo à vila de Mora traça o perfil dessa personagem, hoje já despresado por toda a gente de espírito despojei-rado.

PAULO EMILIO.

Os armadores de Cezimbra pretendem esbulhar um direito aos pescadores

Os armadores de Cezimbra, sempre tam solícitos em arrancar os maiores proveitos ao esforço da classe piscatória, aquiesceram há tempos em concederem aos pescadores 2% sobre o produto da pesca, anualmente depois duma greve.

Esta regalia, que só em janeiro próximo se conhecia o resultado, está em sério ris-co de perder-se, pois segundo nos infor-mam os camaradas Carlos Pinto Salgado e Joaquim António Pinheiro, de Cezimbra, os armadores dali estão no propósito de re-tirar aquela regalia, precisamente em janeiro, a pretexto da baixa do custo da vida.

Antida oficialmente a comunicação não foi feita o que não quer dizer que se não pratique como é uso e costume por aque-las senhoras.

Mas os pescadores não se deixarão esbul-har daquela regalia; afirmaramos aqueles nossos camaradas.

ATENÇÃO

Uma dedicada camarada, professora ra-cionalista, que por largo tempo exerceu o ensino oficial, deseja encontrar colocação em escola de sindicato em Lisboa ou ar-redores. — Resposta a este jornal.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Federação Nacional da Construção Civil

Reunião do Conselho Federal tendo-se ocupado detalhadamente da crise de tra-balho existente na indústria; foram apreciados as demarches da comissão anteriormente nomeada para junto das entidades ministe-riais procurar a reabertura das obras do Es-tado, que em diversos pontos do país se en-contram encerradas, e implicitamente a serem forçados os detentores da propriedade ur-bana a proseguirem nos trabalhos das que se encontram em construção. Os resultados obtidos pela comissão são de certo modo animadores, resolvendo-se aguardar a cons-tituição do novo governo para reatar as negociações iniciadas com o seu antecessor.

Foi resolvido declinar na Bolsa de Tra-balho e Solidariedade o encargo de enviar a todos os sindicatos aderentes uma circular convidando-os a comunicarem a quele organismo qual o número de op-erários sem colocação, quais os trabalhos particulares e do Estado que se encontram paralisados e as entidades ou ministérios a que pertencem, assim como uma nota que será obtida por intermédio das juntas au-tônomas e dirigentes de obras sobre a quantidade de operários que poderão ser admitidos nas mesmas.

Manufactores de Calçado de Lisboa

Tendo chegado ao conhecimento deste organismo que o industrial Dias, da cal-da da Estrela, a pretexto de um forneci-mento de calçado para as colônias pretende admitir novos operários, por preços de mão de obra inferior ao da tabela deste Sindicato, com manifesto prejuizo dos op-erários que para aquele industrial trabalham os quais a tal se recusam, exorta a classe a não se prestar a tal manigância, e convida os operários da casa, a verificarem as con-dições de admissão de operários, que possi-bilmente venham a fazer parte do pessoal, dando conta imediata ao Sindicato de qual-quer irregularidade.

Hoje reunem todos os operários da ofi-cina da Sapataria Lisbonense, do obreiro Gouveia e do obreiro Afrânio Augusto dos Santos, da calçada de São Vicente, às 21 horas.

A U. S. O. de Évora toma resoluções

EVORA, 20.—A comissão delegada da U. S. O. entrevistou o governador civil no dia 18. Da conferência resultou que aquele senhor, os industriais e a comissão devem ter uma reunião conjunta, amanhã, pelas 21 horas, no edifício do Governo Civil.

Foi enviado officio ao presidente da Câ-mara Municipal pedindo-lhe uma entrevista, a fim de junto daquela entidade ser tratada a colocação de alguns desempregados.

Esta comissão prevê todos os camara-das desempregados, que se devem alistar nos seus sindicatos para conhecimento do número total dos desempregados.

Os trabalhos desta comissão serão apre-sentados em sessão magna ou comício pú-blico.

Construção Civil do Seixal

A comissão administrativa do Sindicato da Construção Civil do Seixal convida to-dos os camaradas desempregados a inscre-verem-se no Sindicato, para efeitos de co-locação e estudo da Federação.

Os soldadores de Setúbal

O Sindicato dos Soldadores de Setúbal tendo em consideração o eterado número de desempregados sindicados, apela para os trabalhadores da indústria de conserva-doutras localidades, para que, enquanto perdurar a crise, não procurem trabalho nesta cidade.

Pessoal do Commissariado dos Abas-tecimentos

O pessoal contratado e assalariado do Commissariado dos Abastecimentos, reúnem na segunda feira, às 21 horas, na Associação dos Caixeiros, para tratar, entre outros assuntos, de um manifesto que a comissão de defesa dos interesses do pessoal vá fazer distribuir ao público, sobre os serviços prestados pelo commissariado e as diatribes do alto comércio.

A VOZ DA CADEIA

Pensou há tempos a Associação dos Ta-noeiros de Lisboa fazer uma festa em be-nefício dos presos sociais na qual deviam co-laborar todos os sindicatos de Lisboa. Com tal fim, enviou aquela associação—além de convocações na "Batalha"—offícios aos sin-dicatos de Lisboa para que nomeassem de-legados a uma reunião onde se elaboraria o programa da festa. Porém essa reunião não se realizou e o alvitre da Associação dos Tanoeiros não pôde ser posto em prática, pois apenas o sindicato mobiliário não coube delegados.

Dentro de pouco tempo, será convocada nova reunião à qual esperamos que todos os sindicatos de Lisboa nomeiem delega-dos.

Não deve também o proletariado esque-cer-se hoje dos presos por questões sociais, abrindo queques em seu favor e enviando-nos as suas importâncias.

De João Pedro Gonçalves Manso recebe-mos 23000, produto de uma quete aberta na Associação dos Fragateiros do Porto de Lisboa.

Também de Manuel Vinhais recebemos 14800, de uma quete, aberta, na secção da Construção Civil da Charneca.

Toda a correspondência e auxílio deve-se enviar a Manuel Viegas Carrascalão, Linoeiro, grupo B—Lisboa.

Lembramos aos leitores que no grupo B, na cadeia do Linoeiro, instalaram os presos por questões sociais uma biblioteca e uma escola onde procuram elevar o grau da sua cultura e dos seus companheiros por deli-tos comuns. Lutam aqueles camaradas com grande falta de livros, papel e outros ap-rechos indispensáveis, pedindo a todos os camaradas que os tenham disponíveis que lhes enviem, para que não desapareça tão útil iniciativa, dirigindo-os também a Manuel Viegas Carrascalão.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Os enfermeiros da região do sul or-ganizam o seu sindicato

Em reunião ontem realizada, foi pelos ca-maradas enfermeiros fundado mais um sin-dicato que se denominará dos Enfermeiros e Enfermeiras da Região do Sul, de que po-dem fazer parte todos os enfermeiros e en-fermeiras diplomadas pelas escolas profis-sionais, que residam em Lisboa, Leiria, San-tarem, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja e Faro. Para a sua inscrição bastará que seja enviada à sede, rua António Ma-ria Cardoso, 20, a respectiva comunicação. Nas sedes de distrito vão ser organizadas as delegações, estando já os nossos camara-das tratando da regulamentação do exercí-cio da profissão, repressão do exercício ileg-al, e unificação do ensino, para o que vão pedir ao governo e parlamento a publica-ção de medidas que sejam necessárias.

Os pescadores de Peniche organi-zam-se sindicalmente

PENICHE, 20.—Realizou-se nesta vila a sessão inaugural do Sindicato dos Pesca-dores de Peniche, estando presentes 2 dele-gados da Federação Marítima.

O entusiasmo desta sessão não podemos descrever, contudo afirmamos que foi uma das maiores sessões que nesta vila se tem realizado.

As afirmações feitas pelos delegados da Federação foram aceites por todos os pes-cadores, porque elas foram feitas em lin-guagem de forma a que os assistentes, que eram em grande número, se apercebessem do valor do sindicalismo.

Regista-se com satisfação que o número de sindicados já inscritos é de 334. Aos burgueses desta terra, não satisfaz esta nova organização, tendo estes movido uma intensa propaganda caluniosa, propaganda esta que é feita por algumas criaturas, que já se esqueceram dos velhos laços de ami-zade dos seus camaradas, que como eles eram do mar. Nada conseguiram, porém, os grandes e pequenos inimigos dos tra-balhadores marítimos, porque estes em-bora ridos só devem afirmar-se mantendo a li-nha e a alma que os animam, para conseguir a sua completa libertação, quer dos armado-ros ou dos seus intermediários.

Foi assim, como acima dizemos, em gran-de entusiasmo, que foram nomeados os seguintes camaradas para a comissão administrativa deste nosso sindicato: secretário geral, António Correia; secre-tário adjunto, José Victor; tesoureiro, João Maria da Silva; administrativo, Augusto Gonçalves; e vogal Henrique Russo. Con-selho Fiscal: Felisberto Lagarino; João de Sousa, Carlos Correia Ricardo. Assembleia geral: secretários, Ilísio Bulhau e Lucio de Melo.

Foram aprovadas saudações à comissão organizadora, C. G. T., Federação Marítima, e à Batalha, e um protesto contra os divisionistas da classe piscatória, bem co-mo um agradecimento a empresa do Salo Gineira, pela sua cedência para a realiza-ção da sessão inaugural.—(C.)

AS GREVES

Os marítimos de Faro terminam vitoriosamente um movimento

FARO, 19.—A classe marítima foi bruta-mente sacudida da sua passividade, que longos anos vinha mantendo. Não diremos ser o seu baptismo sindical a luta agora empreendida, mas o seu carácter bem dife-rente daquelas em que tem estado envol-vida.

Foram as próprias autoridades quem lan-çou esta boa gente para a luta por uma in-débita arbitrariedade, nociva aos próprios in-teresses da população, com a imposição duma tabela sobre o peixe que os marítimos consideraram atentatória dos seus direitos.

A fim de a apreciar reuniram-se no seu Sindicato e ali detalhadamente verificaram quanto de prejudicial ela continha.

Porém, o pé de irreductibilidade das au-toridades só um caminho lhes indicou: a greve. E nela se lançaram dispostos não se prosternarem ante as exigências das auto-ridades.

Entretanto realizaram demarches junto do presidente da comissão de abastecimentos conseguindo, depois de três longas horas de debate que a tabela, origem deste con-flito, fosse retirada, desaparecendo assim as causas que o determinaram.

Os grevistas, depois, reunidos no seu Sindicato com a representação da U. S. O. local, tomaram conhecimento do resultado obtido resolvendo dar por finda a greve, com vitória para os valores marítimos.

No final da sessão foi aberta uma quete a favor de A Batalha, que rendeu 27500, erguendo-se entusiásticos vivas à C. G. T. e a Batalha.

Os trabalhadores rurais de Aldegalga opõem-se a uma pretensão dos lavradores

Nenhum rural deverá prestar-se a substitui-los

Agita presentemente os trabalhadores ru-rais de Aldegalga a torpe pretensão dos lavradores daquela região de exigir aqueles uma hora a mais de trabalho por dia.

Dada a resistência dos trabalhadores ru-rais, os lavradores transigiram já, conten-tando-se com meia hora a mais. Mas agora ameaçam: se essa exigência não for acce-irado, buscarão trabalhadores a outras partes.

Das razões justificam a resistência dos trabalhadores, além dessa exigência patro-nal representar uma maior exploração do seu esforço, ela vem agravar ainda a si-tuação de grande número de trabalhadores que não têm trabalho.

Portanto, é evidente que os trabalhadores dos arredores de Aldegalga se recusem a substituir aqueles seus camaradas, embo-ra para isso sejam solicitados pelos lavra-dores aldegalgueses.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aldegalga reúne amanhã às 16 horas para se ocupar desta importante questão.

Secção telegráfica Federações

C. Civil—Sindicato de Marinha—Recebemos tele-grama; expediente lá segue e recebemos dinheiro.

Respigando... Vida Sindical

Quando imagino em presença um do ou-tro, um trabalhador saído da escola primá-ria e um produto dos nossos liceus ou uni-versidades munido de todos os seus diplô-mas, recuso-me a admitir a mais ligeira superioridade intelectual deste sobre aquele. Na aparência, um sabe muitas coisas, o ou-tro poucas; na realidade a diferença é mí-nima. Não é o peso ou o volume das noções com que se adubou a memória que cria o valor do ser humano. É a boa classificação dos conhecimentos, que faz a sua eficácia. E depois a grande coisa é ter conservado no cérebro bastante agilidade, bastante elas-ticidade, para achar-se em estado de bem funcionar, de adquirir novos conhecimentos quando necessário, e sobretudo de raciocinar e julgar com exatidão.

O proletário que se inclina ante a ins-trução superior, de um burguês, humilha-se injustamente. Vai nisso um tanto de respeito supersticioso do campo de outrora para com o sr. padre cura, porque o sr. padre cura sabia latim.

Não, a grande, a única superioridade da classe dominante é a fortuna, e a posse ex-clusiva do capital, que lhe permite realizar a sua obra de exploração. É a única infe-rioridade do trabalhador é a miséria, com o lamentável cortejo das consequências que ela arrasta: depressão moral, alcoolismo, prostituição e a pior de todas—resigna-ção.

Quando todos os trabalhadores vítimas do estado económico tiverem a noção precisa da sua situação intelectual, quando tiverem compreendido que em tais matérias a quan-tidade não constitui o valor, a obra de li-bertação social terá dado um grande passo.

C. A. LAISANT

Em Ponte de Sôr

Uma sessão para a reabertura da Escola do Sindicato da Construção Civil

PONTE DE SÔR, 19.—Realizou-se ontem a grande sessão para reabertura da escola do Sindicato da Construção Civil. Aberta a sessão, o presidente explicou seus fins, acres-centando mais algumas palavras sobre o en-cerramento da escola e sua reabertura.

Em seguida usou da palavra o camarada Inácio Marques, delegado da Federação da Construção Civil, que em nome deste orga-nismo apresenta sinceras saudações. Segui-damente, fala detalhadamente sobre a ins-trução dos governos burgueses, antes e de-pois da república, frisando bem quanto tem de inconveniente o incutir-se na criança o amor pátrio; entrando no assunto do en-cerramento da escola dos trabalhadores desta localidade, critica asperamente o pro-ceder de José Sabino Fontes, que como ad-ministrador encerrou a escola sem que tives-se autoridade para fazer tal.

Depois, explica detalhadamente o valor do horário de oito horas de trabalho, etc. Combatendo a acção perniciosa do al-cool, diz que aquele veneno conduz ao hos-pital de doídos, citando sobre isso factos provados.

Fala por último a mulher, aconselhan-do-a a que não desvie o seu companheiro do sindicato.

Em seguida é dada a palavra ao camara-da Alberto Dias, também delegado da F. da C. Civil, que começa por fazer uma cen-sura acer à propaganda feita pelos repú-blicanos no tempo da monarquia, eleva o pro-ceder dos trabalhadores da localidade em formarem uma escola, e cheio de revolta critica as autoridades que encerraram a es-cola quando a instrução é tão necessária.

Fala sobre o horário de trabalho, di-zendo todos terem direito a ele. Aprecia a des-cida da libra e a questão económica, e ap-resentando uma tabela de preços de gêneros precisos para quatro pessoas de família, aconselha as mulheres presentes a ponderar aquela tabela e a pôr em confronto a soma dos preços dos respectivos gêneros com os salários auferidos pelos seus com-panheiros.

Aprecia os políticos, citando o facto de a autoridade administrativa da localidade roubar escandalosamente o povo e portan-to ser uma vergonha para o mesmo povo a estada de tal cavalheiro naquele cargo.

Por último fala sobre a imprensa, e re-ferindo-se ao *Seculo e Diário de Notícias*, faz o confronto de tais informadores de público com o jornal dos trabalhadores.

A Batalha exortando todos a lê-la.

O camarada Manuel S. Sardinha diz também algumas palavras sobre a escola e a camarada Miquelina Sardinha em nome da comissão administrativa do sindicato apresenta uma saudação à Federação da C. Civil pelos esforços que empregou para a reabertura da escola. Para finalizar a sessão foram recitados versos sociais por J. Mar-ques e Miquelina, sendo tirada uma quete para os presos por questões sociais e Manuel Ramos que rendeu 39000.

Uma nota curiosa: Ao terminar a sessão compareceram os sr. Fontes, o tenente Galhar-das, um sargento, e agora dizem-nos que a sede do sindicato se encontrava cercada pela briossissima G. N. R.: Com que intu-itos viriam suas ex.ª a sessão, e demais já no fim e com um aparato daqueles?... Mistério!

Dar-se há o caso que eles pensassem que es-tava chegada a Revolução Social?... C.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Maquinistas Fluviais.—A assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciar os tra-balhos do delegado ao Congresso Marítimo.

Confeiteiros, Pasteleiros, Chocola-teiros e Anexos.—A assembleia geral, pe-las 21 horas, para tratar da crise de tra-balho e apresentação do relatório e contas da festa do aniversário da Associação.

Federação de Calçado Couros e Peles.—Comissão administrativa, às 21 ho-ras, para dar posse à nova comissão admi-nistrativa.

Sindicato do Pessoal de Câmaras.—Secção dos Dispenseiros—Para tratar de as-suntos do máximo interesse para esta sec-ção, pelas 19 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Condutores de Carroças.—Reúne-ama-nhã, pelas 14 horas, a comissão adminis-trativa, para se tomar resoluções sobre a festa em benefício do camarada Vasco Mendonça e outros assuntos.

Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—A assembleia geral reúne no próximo dia 24, pelas 20 horas, para assun-to de carácter geral.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Descarregadores de Mar e Terra da Vila do Carregado.—Em reunião da assembleia geral foi resolvido officiar aos sindicatos congêneres de Vila Franca e Alhandra, a fim de estabelecer as zonas de trabalho que a cada um devem pertencer.

A este sindicato pertencerão a Vale do Ruivo (lado nordeste), Barrão, Montalvo, Torrá, Conchoso, Corte do Rio, Caldeira, Corredouro da Volta, Arrigui, Figueirinha, Vaial e o lado nordeste do Tejo até ao cais denominado Leopoldo, ficando as restantes zonas, tanto ao norte como ao sul do Tejo, a cargo das Associações de Vila Franca e Alhandra. Caso a Associação de Vila Fran-ca entenda, poderá ficar com todo o ser-viço de Vale do Ruivo quando se prontifi-que a efectuar as cargas e descargas no Barrão e Montalvo.

O encarregado dos trabalhos diz, sobre os dias perdidos ao domingo, que ficando em descanso com salário um grupo de ca-maradas, que os que fiquem de serviço e tenham de sair se substituíram para não pre-judicar os serviços, e que aos dias de se-mana não sejam pagas as faltas, senão quan-do justificadas e comunicadas com três dias de antecedência, sendo estes alívios aprovados.

Discutida a organização da União dos Sindicatos em Vila Franca foi resolvido que em seu lugar se criasse a Câmara Sin-dical, por corresponder melhor as neces-sidade do momento.

Construção Civil do Seixal.—Reúniu a comissão administrativa, tendo tomado posse Francisco Agostinho, que substitui o camarada Cambalacho. Apreciando a si-tuação financeira do Sindicato resolveu con-vidar os sócios em atraso a realizarem o respectivo pagamento.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Continua amanhã domingo, pelas 21 horas, a reunião da co-missão organizadora da Conferência Juve-nil.

Edições SPARTACUS
ACABA DE APARECER.

O Amor e a Vida
Contos por ERNESTO LIMA
Preço, 5500

A venda na administração de A Batalha. Descontos aos revendedores.

SOLIDARIEDADE

A todos os camaradas que passaram bi-letes da festa em benefício de Alvaro Ra-mos se pede que entreguem as respectivas importâncias no domingo, na cadeia do Li-moeiro, visto o seu julgamento se realizar no dia 28 do corrente, e ele, tem que pagar a o advogado dos respectivos honorários.